

Ano II-N.º 94  
21 de Maio  
de 1932

# reporter.

SEMANARIO DAS GRANDES REPORTAGENS



LEIAM NESTE NUMERO: Como conheci o assassino de Doumer — Quem foram os cúmplices do assassinato das Velhas de S. Lazaro? — A Torre de Babel — Um cadaver per cem contos — Etc., etc., etc.

# "ELEGANTE PAVILLON"

Tomaz Nogueira Cunha & Filhos

28, Travessa da Picaria, 28 - PORTO

TODAS AS NOITES

Bailes

Diversões

Jogos

Aberto toda a noite

(ANTIGO PRIMAVERA)

## CARTAZ

Espectaculos recomendados  
pelo «Reporter X»

### TEATROS

Nacional — 9 1/2 «1808»

Trindade — 9 1/2 «Viuva Alegre»

Avenida — 8 3/4 e 10 3/4 - O Dia das Romarias

Variedades — 8 3/4 10 3/4 «Pim! Pam! Pum!»

Maria Victoria — 20,45 e 22,40 — A Senhora da Saude

Colizeu — 21,30 — Luta e Variedades

Capitolio — 21 — Variedades

### CINEMAS

S. Luiz 9 1/2

Tivoli »

Central »

Odeon »

Terrasse »

Royal »

Palacio »

Olimpia »

Paris Cinema »

Liz »

Europa »

Palatino »

A Promotora »

Imperial »

Salão Ideal 19

Todas as noites

## TEATRO NACIONAL

ÀS 9 1/2

### GRANDE EXITO

Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro

«1808»

«JUNOT»

Original de Reinaldo Ferreira «Reporter X»

Brilhante desempenho — O maior exito da temporada

## TEATRO VARIEDADES

DUAS SESSÕES — ÀS 8 3/4 e 10 3/4

A REVISTA FORMIDAVEL DE INTERESSE  
E DE CRESCENTE NOVIDADE

### PIM! PAM! PUM!

Luiza Satanela, no «cartaz da moda»

QUERO VER VOCE CHORAR

Beatriz Costa, no COCHICHO Tango

Dramatico, e FADO DO POVO

GRANDE EXITO DO QUADRO «HAJA ONIÃO»

TODAS AS NOITES

PIM! PAM! PUM!

Triunfa no VARIEDADES

## Pensão Familiar

Uma pensão é, muitas vezes, preferível a um hotel quando, reunindo todas as qualidades de um hotel e duma pensão, evita os defeitos de uma coisa e outra. Eis o motivo porque o REPORTER X recomenda a todos os seus leitores que veem a Lisboa a

## Pensão Familiar

na Rua Ivens, n.º 49, segundo e terceiro andar, (Telefones 20785) de Frederico de Almeida Duarte. Comodidades modernas, aseo impecavel, socego, seriedade severa, conforto intimo, uma mesa sã, saborosa, variada — das melhores da capital, uma escrupulosa seleção nos hospedes, tratamento de primeira ordem — e preços fora de concorrência.

### VISITE A

## Patisserie Versailles

Avenida da Republica, 15

Lunches para casamentos  
e batizados

ESMERADO SERVIÇO

Telefone 3219 N.

L I S B O A

## OS SEGREDOS DO

## « 1 8 0 8 »

Retalhos e desabafos ouvidos ao autor do drama em pleno  
 exito no Teatro Nacional

**A**PESAR dos laços fraternais que nos ligam ao autor de «1808»—só focamos este drama que tão invulgar exito de critica, de arte e de publico, está obtendo no Teatro Nacional, pelo facto dele constituir um acontecimento. Senão o «Reporter X» o orgão das grandes reportagens e o «100» o assunto teatral de maior vulto da actualidade—os nossos reporteres cometeriam uma lacuna grave, pela propria mecanica da sua missão, se não o tratassemos, procurando estripar-lhe todo o ineditismo sensacionalista que a peça lhes oferece. Nem de outro modo o nosso director nos perdoaria que nos occupassemos d'ele na seu proprio jornal. O que os leitores vão ler é o enxadrizado de retalhos que composemos com os farrapos de varias palestras com Reinaldo Ferreira.

«— Existe quem me acuse de ter adulterado a historia Não vou pedir a Dumas a argumentação em minha defesa. Para taes accusadores — devo chegar. Em que se baseiam eles? Um que não introduzi na obra toda a informação *historica* da obra e que não encontraram nos livros que conhecom referencias a certos personagens e factos que formam a ossura do drama. Julgam tambem que pretendi fazer um *drama historico*, classico, *vieux style* e que parti dessa intenção para a realisação, sem me preocupar, como o mais leviano e inconsciente dos collegias que partem da resolução de casar para a noiva, casando-se com a primeira delambida que lhe aceite uma carta e sem pensarem onde a vai instalar e como a sustentar! Não é muito lisongeiro, lá isso não — mas é absolutamente falso. Em primeiro lugar idealizei a obra; e a epoca, as personagens, o local, o rotulo de *historico* vieram como consequencias naturaes da ideia essencial — e não á inversa Quando cheguei á conclusão que a peça devia ter *Junot* como heroe e que lhe convinha a *misencene* napoleonica como necessidade logica — ou tecnica—mergulhei tanto quanto permitia a minha resistencia respiratoria na leitura de livros ilucidativos, ameaçando com vezes as noções exigidas. Porquê? Porque a minha preocupação não era basofar de erudito ou escrever um drama historico que se assemelhasse a uma cronica ou a uma lição de liceu—mas sim dispor, sem folego, de todos os dados que por ventura precisasse para criar ambiente verdadeiro e suggestivo e, sobretudo não cometer *erros historicos*. Cumpridos estes deveres — outra preocupação me assaltou, muito diferente da que essa critica pretendia: de aparar dapeça toda a qualquer frase *erudita*, *informativa*, que não correspondesse a um interesse legitimo da acção e da ideia. Concluir que se ignore determinado assunto só porque não o discutimos quando nenhum pretexto havia para tal—é bastante arbitrario. A outra acusa-

Em cima: O marechal Thomier. (Delmiro Rego) Ao meio: Uma das scenas mais empoignantes do 2.º acto: David (Benamor) Lydia Toscani (Palmira Bastos) e Junot (Raul de Carvalho) Em baixo: A scena final do 3.º acto, quando Junot se recusa a assinar a sentença de morte de David: Da esquerda para a direita: general Loison, (o maneta) Leitão; general Lagarde (Intendente da Policia) Vrai dos Santos; Junot (Raul de Carvalho) marechal Foy (Luis Campos); Vaubian (o secretario particular de Junot) (Villaret).

(Conclue na  
 pagina 7)



## Homens &amp; Factos do Dia

Os bacilos de Koch à vista  
desarmada

**P**ORTUGAL reage contra o mais feróz inimigo do seu povo — a tuberculose. A menos civilizada nação europeia — a Servia, por exemplo; o mais desventuroso povo dos cinco continentes — o negro das áfricas dominadas pelos europeus, outro exemplo — não oferece às estatísticas uma percentagem tão triste tão macabra, tão humilhante, como a nossa! É preciso notar que Portugal está na Europa e é um país classé entre as Potências, com um passado e com responsabilidades presentes, graves, responsabilidades de país-chefe; país-d'avante garde, para com a Humanidade. E hoje em dia, dispondo-se de toda a mecânica preventiva da ciência contra todos esses males; acusando as estatísticas um desfôgo, sempre crescente, em todas as raças; a nossa tuberculose não pode nem deve ser enfrentada como uma fatalidade ou uma praga do Destino — mas sim como um relaxamento, uma falta de asseio e de higiene. O bacillus de Koch é uma espécie de piolho que os portugueses deixaram (ouçam: disse deixaram e não deixam) criar nos pulmões da população.

Portugal reage! Temos a semana de combate, com pedatório nas ruas, esmolado por mil e azentas geitís damas e senhorinas; recitas teatrais, conferências, cartazes, conselhos, propaganda... Ótimo! Esplêndido! Mas bastará?

Se me fôsse possível ser sincero no meu pessimismo afirmaria em alto e bom som que não basta! O mal tem raízes fundas, raízes que brocaram e lançaram garras em terrenos que não foram atacados nem sequer postos no index dos legionários da anti-tuberculose. Esses monstros, estes drogões sociais atacam só de baixo para cima e não de cima para baixo. Do contrário sucide o mesmo do que àquele guadelhudo que cortou a grenha com uma tesoura de unha. Quanto mais ceifava mais os cabelos lhe cresciam...

O bacillus do bacillu está em tudo — e sobretudo nos nossos costumes, nas nossas convenções retrôgadas, no nosso provincialismo. O que é o nosso orgulho arqueológico pelos bairros infectos como a Mouraria, Alfama, em Lisboa; o Barredo e Miragaia, no Porto — se não um entusiasmo inconsciente pela cultura da tuberculose, criando-a, cultuando-a, como quem cultiva bichos de seda? Que esses bairros são pitorescos, têm a beleza de todas as raridades arcaicas? Ora adeus! O bom gosto acabou há muito com o mau gosto da teia de aranha e do lixo! Mas transijamos: que se despejem essas cidadela de morte e de entulho, encardidos e encasados em porcaria secular; que se ofereçam bairros saudáveis e higiênicos, como os dos operários de Paris, Berlim, Roma etc., aos que forem de



lá arrancados; e só depois, para satisfazer a catturice dos velhotes (muitos são moços... neo-conservadores); que se ergam muralhas, e se coloquem cartazes, porteiros fardados, guichets para venda de bilhetes aos turistas e aluguer de máscaras obrigatórias de contra gases aos catturras que quizerem matar saudades daquelas ruínas floridas no monturo.

Outro exemplo — pinçado entre mil: a capa e batina. Por uma rotina inexplicável impõe-se ao est dante este uniforme quasi clerical, injectando-lhes o anor pelo desmazelo, pela sujidade, cantando a em fadunchos «a minha capa tão velhinha»... «a minha capa tão rota» — num hino à falta de asseio e numa ofensiva de ódio contra à escova. Pode-se lá desculpar a um estudante de ciências, a um futuro médico, que use e que defenda com entusiasmo a velha capa coimbrã que é o mais eloquente inimigo da higiene e a mais activa propaganda de todos os micróbios? Ignora-n ou os professores não lhes ensinam as mais elementares leis de defesa social — ou devem aceitar que um caoricho, um luxu ridiculo e de mau gosto se sobreponha ao mais logico dos raciocínios?

Mas o mais grave é a vida do nosso povo. Em nenhum país o operário teima — ou se vê na



necessidade de teimar — no seu indiferentismo pela civilização, desde o mais simples conforto do lar até ao mais indispensavel alimento; desde a alegria de viver, até a...

E não seria mais pratico começar por aqui?

\* \* \*

A proposito: uma história viridica. Ocullo os nomes — mas se alguém duvida da sua veracidade não hesitarei em os revelar. O sr. L... (inicial exacta) é um dos beneméritos que mais se tem salientado na campanha contra a tuberculose. Não existe iniciativa, empresa, sanatório que não tenha levado o seu nome ás molduras luminosas da publicidade, revelando, entre justificadas lisonjas, as verbas quantiosas que ele está dispendendo continuamente em favor dos que combatem esse diabólico mal — verbas que somam já uma fortuna e que põem em destaque a sua inesgotável riqueza. Pois bem: o sr. L... tem uma sobrinha que foi atacada pela terrível enfermidade. Essa sua parente é pobre e a custo os pais a mandaram para um sanatório. Sábido a sua pobreza foi agravada pela fatalidade, não permitindo a continuação do tratamento. Os médicos garantem a cura — caso ela não abandone o sanatório... Os pais, na mais anciosa das

angustias, dirigem-se ao parente rico a suplicar-lhe uma esmola — uma miléssima parte do que a publicidade anuncia que ele distribui anualmente. «Não senhor! Não pode ser!» E no próprio dia em que a infeliz moça telegrafou «Salve-me. Depende de si a minha vida ou a minha morte» — o cavalheiro oferecia 30 contos... a uma nova empresa contra o bacillus de Koch — um bacillus muito menos cruel do que ele...

Reporter X

## Pedido de Indulto

**U**MA comissão representando os presos das diferentes cadeias de Lisboa, encarregou o advogado Dr. Alçada Padez, de apresentar ao Senhor Presidente da Republica, uma exposição pedindo para a titulo de indulto, ser descontada aos presos condenados a pena maior, a prisão preventiva por eles sofrida. Trata-se de um pedido justo, pois presos conhecemos qu', condenados a pena maior, já espíaram a titulo preventivo, prisão superior àquela em que foram condenados. De esperar é que o Chefe do Estado atenda tal pedido até que, providencias sejam tomadas no sentido de se modificar a lei penal de forma a ser levada em conta a prisão preventiva sofrida nas condenações a pena maior, como já acontece nas condenações a pena correccional.

## Paraizo de Lisboa em 1882...

**G**OSTO imenso de folhear velhas revistas e velhos jornais porque é a visão mais nitida e palpitante que podemos colher das épocas que não vivemos mas que desejaríamos conhecer. Consegui outro dia uma coleção do «Occidente» — essa brilhante tentativa de magazine que marcou no seculo XIX... Num numero do ano de 1882 amealhámos as seguintes informações: Uma viagem de caminho de ferro (recem-inaugurado), entre Porto e Lisboa custava 3720 reis, em III classe; 5210 rs. em II; e 6690 rs. em I. Hoje, um bilhete de segunda, no rapido, custa-nos... vinte vezes mais — ou seja 105\$55! A tabela da Hospedaria do Lazareto estava assim dividida: jantar e ceia, 1.ª classe, 1500 reis; idem 2.ª, 1100 reis; idem 3.ª, 500 reis!

Vejam os teatros: S. Carlos: frizas, 9000 reis; camarotes 10, 6 e 4000 reis; torrinhas, 2500 reis; galerias, 500 reis; varandas, 300 rs.; cadeiras, 1500 reis e geral, 1000 reis. Os outros: Trindade, Gimnasio e Principe Real, regulavam pelo seguinte preço. Frizas, 3000 e 2500 reis; camarotes, de 3500 a... 1200 reis; futeuils, 700 e 600 reis; geral, 250 e 200 reis! O selo para uma carta, 25 reis; um postal, 10 reis. De Lisboa a Lourenço Marques: 190 000 reis I classe; 85.000 reis, III classe. Ao Rio de Janeiro, 112.000 reis, I classe e 36.000 reis III classe.

Be-los tempos...

O Estado burlado por  
«misérrimos» capitalistas

**O** caso da venda duma propriedade na Chamuça por valor diferente daquele pelo qual foi manifestado ao Estado, com o fim de burlar este, caso a que o «Reporter X» se referiu há pouco, é bem mais importante do que a principio supozemos. No nosso primeiro eco sobre o assunto atribuímos à transacção valôres diferentes aos que realmente lhe foram atribuídos, por deficiência de informação.

Hoje, melhor informados, podemos já dar aos nossos leitores não só a quantia exacta do negócio, como acrescentar alguns pormenores novos. A referida propriedade que tem uma área aproximada a 15 000 hectares, — uma das maiores da região — é denominada os Vinte

O leão da Estrela, o tigre de Campolide e o leopardo... De Berlim

NÃO é a primeira vez que falamos das trágicas surpresas que sofrem os que se iludem com a docilidade de feras que criam em casa, como cachorros... A Natureza tem as suas exigências — e nenhum animal, nem o homem, pode desobedecer-lhe em absoluto. O pintor alemão Hugo von Othegraven — um dos mais afamados e ricos de Berlim — comprou, há anos, a um domesticador de feras, um leopardo bebé, um leopardo recém-nascido — um brinquedo com vida — a que poz o nome de «Nawosch». Criou-o a biberon e à medida que a fera crescia maior era o luxo, a vontade do artista em exhibir o seu dominio sobre a fera, não só exhibido-a em publico, passeando com ela pelas ruas e jardins da capital alemã, apenas presa por uma fragil correa, como se se tratasse dum bull-dog, como tambem deixando-a a solta no seu appartement de Kent Strasse onde o animal passeava à

vontade, assistindo às refeições, recebendo, carinhosamente, da mão dos amos ou dos amigos, as guloseimas que lhe ofereciam, e ino enroscar-se sobre os tapetes da sala — quando havia visitas. No dia 18 do mês passado uma das criadas do pintor deixou a porta aberta e o leopardo, atravessando o patamar e encontrando igualmente escancarada a porta do appartement visinho — não fez cerimoniais entrou. Deu-se a coincidência desse appartement estar habitado apenas há poucas horas por uma familia que ignorava a existencia de semelhante inquilino no predio. Ao ve-lo entrar, todos se alarmaram, num bem compreensivel terror, abalando, gritando por socorro produzindo tal balburdia que enervou a fera por não estar habituada a semelhante tratamento... Na precipitação da fuga esqueceram-se dum dos filhos — uma criança de oito anos — que não soubera escapular-se a tempo. O resultado foi o leopardo lançar-se sobre o pobre pequeno esquartera-lo numa furia que era toda a ansia de sangue do seu in-tinto, anestesiado durante anos e desperto por fim. E ao regressar a si proprio, p-dera o respeito, a docilidade, ameaçando de morte quem tentasse sequer arrancar-lhe a vitima das suas garras poderosas. Viue minutos depois, um guarda policial conseguiu vence-lo — abateo-o a tiros de pistola. Mas era demasiado tarde!



O famoso pintor alemão dando uma guloseima ao seu leopardo favorito, num «five ó cloch» familiar — dias antes da tragedia que relatamos

A desventura da mão apresentou queixa contra o dono da fera — que foi severamente castigado — e a policia de Berlim proibiu a existencia de feras domesticas. Agora um detalhe. Sabem os senhores que Lisboa tambem possui desss s iludidos sobre a docilidade das feras criadas a biberon? Segundo nos informam existe na Estrela um leão de um ano e em Campolide um pequeno tigre? X.

Casais e pertencia à sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza Pinto Barreiros. Tomou parte activa na transação, como advogado daquelle senhora, o dr. Campos de Melo, conhecido advogado de Lisboa, e a propriedade foi vendida por 5 600 contos, tendo si lo paga a ciza de 2.000 contos, apenas. Resultou, pois, para o Estado, um prejuizo de algumas centenas de contos... Grandes beneméritos...

À gratidão dum penitenciario e a dos que não são penitenciaris

O portador era um soldado da G. N. R.; e eu que tantas vezes sou obrigado a esquivar-me às visitas para não interromper a esfaufante labuta de todos os dias ou para me poupar uma hora de vigilia — não resisti à sua insistencia em me falar. Perfilou-se, marcial, saudou-me numa continencia para capitão, pelo menos, e sem me desfitar entregou-me o embrulho e a carta que trazia. Sendo eu o mais civil dos civis correspondi aquelle complexo metodo com um simples e franco shanh-hand que desconcertando o aprumo do militar parecia emocional'o. «Quem manda tudo isto? — inaguei.» — «Foi na Penitenciaris! Pediram-me...»

Ao ficar só desempacotei, curioso, um ingenuo mas original quadro feio com fitilhos de palha pitorescamente colorido — uma cruz de Cristo sobreposta a um X; e no centro o meu retrato emoldurado com uma dedicatória

simples — mas das sincereidade tão carinhosa que me comoveu. Abri depois a carta — duas linhas timidas, sentidas, quasi ternas, palpitanes de gratidão — assinadas p-lo penitenciaris A... A... (para que estigmatissalo gravando o seu nome). Que fiz eu para esse desgraçado que a Fatalidade sepultou numa cadeia — se sinta obrigado a todos os esforços para me agradecer? Ignoro-o! Se o soube esqueci-o! Busquei recordar o seu nome entre tantos que posso ter, talvez favorecido e nunca encontrei. E foi precisamente este facto que me impressionou... a quantos tenho defendido, sacrificado horas energias, amissas; por quantos tenho eu floreseado a minha pena e queimado o meu cerebro no entusiasmo honrado e nobre — digo-o sem temer de pecar de modesto — de fazer justiça, de salvar um martir, de libertar um inocente — sem outro int-resse do que o da propria satisf-ção moral — e quantos ha quantos o olvidam mal se pilham servilios, defendidos, libertos, em posse do paraíso perdido olhando-me como a um cego que cantou á viola porque lhe deitaram uma moeda de cobre...

Uma vez, no Porto, abeirou-se de mim um rapazote que supplicando-me protecção — me expoz o seu caso. Orão de pai e mãe, herdeiro, aos dois anos de uma fortuna nababesca (2 ou 3000 contos) fora comtido á tutela duns primos. Na vespera da maioridade armaram-lhe uma cilada a sua in-xperiencia e graças a dois medicos não psiquiatras fi-a chumbado a uma certidão em que era dado

reporter

O SEMANARIO

DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSACÃO NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Sai ás sextas-feiras e é posto á venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor REINALDO FERREIRA (REPORTER X)

Redacção, Administração e Publicidade Rua da Horta Sêca, 7 — Tel. 2 0158 End. Telegr.: REPORTERX—LISBOA

Delegação no Porto: R. Passos Manuel, 241 — Tel. 4391 Composição e Impressão

Rua da Horta Sêca, 5 — LISBOA 5 meses — série de 12 numeros — Esc. 11850 6 — — — 25 — — Esc. 22850 12 — — — 52 — — Esc. 44850

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

como demente, incapaz de se dirigir e administrar; em resumo; um vulgarissimo caso de inerdicção... A partir d-esse dia o rapaz apenas recebia umas migalhas da tutela, o insufficiente para se manter — e ao menor movimento de defeza, de rebeldia ou de libertação segredavam-lhe os tutores (segundo ele me dizia): «Quietinho! Generosos somos nós a nda! Quando nos apetece ou quando tu pretendes armar escandalo metemos-te num manicomico donde não saíras nunca e onde nos custas mais barato ainda! Estamos lá a posse dum documento o qual nos permite internar-te em duas horas, com uma simples folha de papel selado!»

Era um caso d'asfixia moral, uma juventude que não podia expandir-se sob a ameaça diabolica da pior das mortes, um homem são prohibido de toda a iniciativa — até da de amar, condenado ao vexume da mais vergonhosa das escravaturas; um miseravel que soffria o infernal des-spero de se saber milionario... Revoltei-me, jurando resolve-lo, custasse o que custasse. Ah! Mas os tutores eram influentes.

A primeira surpresa foi encontrar fechados todos os jornais do Porto que se negavam a traír do assunto. Encolhi os ombros e pronuniei pela primeira vez uma frase que foi depois disso playeada com frequencia. «A mim, ninguém me amoraça. No dia em que me tira-se o papel, a tinta — escreverei a giz nas paredes e hei de ser lido!» Esta minha attitude assustou. Foi perseguido, ameaçado, tentado pelas ofertas mais gentis, siliados pelos amigos mais queridos que, inconscientemente, me acons-lhavam a não me meter onde não era chamado!» Entretanto, á scupa, cahira de surpresa nos consultorios de doze alienissas e peijra-lhes para examinaremo interdittado; e assim reuni doze ateados de especialistas que garantiam a perfeita saúde mental e psiquica do... louco que

(Conclue na pag. 10)



UM MISTERIO  
PORTUENSE

O assassinato das  
velhas de S. Lazaro

N O Porto, basta citar ao de leve a tragédia das «Velhas de S. Lazaro» para que os rostos se tornem lividos e o *frisson* agatante, com unhadada de gelo, os dorsos menos sensíveis. Não é só pelo *gran-guignolsmo* dos seus aspectos que recordam certas gravuras macabras dos romances de Montepin e Eugenius Sue, que esse crime agita assim as imaginações populares — e não populares: é sobretudo pelo misterio que o embainha desde a primeira hora; o misterio que se adensou ao cair o pano sobre a morte do assassino; o misterio que ainda hoje, volvidos quasi trinta anos, dedilha, com força, os nervos do publico. E é sabido: basta uns laivos d'énigma, uma mascara, um simples ponto de interrogação para que o crime mais banal se folhetinise e tome a *mise-en-scene* fantasmagorica de uma proeza de heróis recém-saídos, em osso, da vale-comum.

...Desde o primeiro acto do melodrama das «Velhas de S. Lazaro» que os espectadores desse *Ambigu* sangrento gritavam, de punhos crispados: «— A verdade permanece, quasi toda ella, dentro do poço! O crime defende ferozmente o segredo que guarda nas suas entranhas. Que as victimas — foram... as *vitimas* — ninguém o desmente! Que o matador foi aquele que os juizes condenaram ninguém o nega! Mas que existem outras charadas para além da decifração policial e outros figurantes talvez mais responsaveis, ninguém o duvida!»

Eis que 28 anos depois o «Reporter X» vem confirmar estas suspeitas revelando ineditos e sensacionais escaninhos, no tão falado crime de S. Lazaro...

Reconstituindo a tragédia de S. Lazaro

Se o Porto sabe de cór todo o grafico do drama — Lisboa e o sul, o resto do paiz ou já o esqueceu ou nunca interceptou qualquer noticia a seu respeito. Eis porque vamos cometer, para uns, o pleonasmo de

bits num terror de morte que se contagiava e o sangue coagulado a avermelhar, de lugubre *coqueterie*, a blusa modesta e negra da pobre senhora. Acudiu a policia à grita do alarme e descobriu, em eguaes circunstancias, o corpo da outra velha — de D. Maria... Duplo assassinato. O mobil era evidentemente o roubo: gavetas arrombadas, remexidas, vasculhadas — esvasiadas. As suspeitas, rabiaram à louca, ora acusando a criada, ora apontando os parentes afastados, umas vezes acumulando provas; outras esfarelando-as e lexiviando a honra dos que mais à medida do criminoso pareciam estar... Um visinho e inquilino das «velhas de S. Lazaro» — negociante de cereais estabelecido nos baixos do predio, Joaquim Ribeiro da Silva, alcunhado com o apodo de «Farinheiro» destacava-se na ansia de rasgar o misterio que protegia os facinoras, tal era o seu afan auxiliando a policia e heroificando *trucs* de deteçive amador por conta propria. Mas um belo dia, quando imprensa e publico se desesperavam ante a inutilidade de todas as pesquisas e com a ideia de que o assassino ou assassinos continuavam livres e impunes, fogueiteia pelos ares uma noticia tão inesperada como desconcertante: o assassino das duas velhas era o honrado mercador de cereais, o indignado inquilino e visinho que aguava a força quando se falava em criminosos, o Ribeiro da Silva, o «Farinheiro»...

Não sabemos ao certo como foi que a policia descobriu. Cremos que na segunda feira, o assassino, cuja situação financeira era publicamente angustiosa, realisava pagamen-

reconstituir o crime — sem o que a maioria dos nossos leitores não poderia busso-lar-se nesta reportagem.

Fei no domingo 18 de Setembro de 1904... Num predio vulgar frente ao jardim de S. Lazaro, na Invicta cidade, viviam, ocupando os andares superiores, as senhorias-duas velhinhas bem entradas em anos, D. Isabel da Gloria Basto e sua irmã D. Maria da Gloria Basto. E' possivel que a bisbilhotice do bairro dilatasse ao exagero a realidade da sua fortuna — mas o certo era que gozavam fomas de ricas, senhoras de muitos haveres moveis e imoveis; e a avareza de todos os seus actos confirmava com eloquencia os boatos que corriam. Uma antiga criada, mais nova do que as amas, e, cremos, unica companheira e guarda das ricas e das suas riquezas — saiu a passeio e ao regressar alarmou, num alarido escandaloso toda a visinhança... Os seus pés tinham tropeçado à entrada no cadaver de D. Isabel, contorcido, olhos mui abertos, fugindo das or-

tos de importancia — desembolsando sobre o balcão notas novissimas (e algumas delas estariam salpicadas duma tinta vermelha suspeita). Alertada por estes detalhes uma testemunha ligou factos, teceu hipoteses — desabafando, por fim, com o chefe Barbosa — já falecido há muito... — fel'o exclamar: «Homem! Você deve ter *batido no vinte* — porque ele foi da unica passoa de que nunca desconfiamos e os assassinos costumam preparar as cousas de forma a collocarem-se longe das suspeitas policiaes. Alem disso não se viu entrar nem sair gente estranha, na casa do crime — no dia do crime. O unico individuo que podia chegar até às velhas, mata-las sem entrar nem sair do predio — era o «Farinheiro» posto que vivia no proprio predio e podia comunicar interiormente com as visinhas, fora do alcance de qualquer olhar perigoso.»

E era elle, o assassino. Minutos depois davam-lhe voz de prisão — passado um quarto de hora confessava, entre convulsões de choro, o seu crime...

A confissão do criminoso

Era um *specimen* de honradez e de pondunor comerciaes o «Farinheiro». Negociante á antiga, sem manchas nem sequer levianidades na juventude — pertencia á fauna dos que acham mais digno todos os delitos, até o proprio infanticidio — do que faltar a um compromisso, adiar uma conta, deixar protestar uma letra! Para elle a humanidade dividia-se entre os bons e maus pagadores — merecendo os primeiros todos os premios e elogios, mesmo que para isso tivessem de matar o pae e rouba-lo; e considerando os segundos os mais infames dos homens, embora sinceros, leaes, virtuosos; embora a sua falta fosse consequente duma fatalidade irremediavel, conhecida. Não é pois, para extranhar, que um negociante educado, obsecado por estes principios arcaicos e imoraes fosse levado a cometer tão monstruosa facanha...

Nos ultimos tempos e apesar de toda a sua prudencia, experiencia, actividade — os negocios derrapavam em constantes azares até lhe criarem uma situação tormentosa. As letras venciam-se, os credores perseguiam-no, ameaçavam-no, humilhavam-no com o mais doloroso dos vexames para o seu amor-proprio especial. No sabado tivera uma scena violenta que o enchera de colera e de vergonha. Segunda feira era a fronteira maxima de todos os prazos e anunciavam-lhe graves tempestades — definiavas, arrasadoras. O que seria a noite de sabado para domingo, para a que a consciencia! Que febrão não a queimaria, que de alucinações não sofrera para que a metamorfose



se operasse! Sabia que a creia das senhorias sairia a passeio. Preparou-se para a façanha — como quem se prepara para uma obra honrada! Com o pretexto de perseguir um gato que lhe fugira para casa dos vizinhos, conseguiu que lhe abrissem a porta interior e logo ali, na entrada, fechou o anel de ferro das garras no pescoço esguio, magríssimo, flácido de uma das velhas — de D. Izabel, estrangulando-a, ferindo-a, matraqueando-a depois, no medo de a deixar com um resto de vida... Galgou rápido, ao primeiro andar, procurou a outra vítima, assassinando-a num rápido e feroz ataque de epileptico em furia... No silêncio da casa dois ritmos o atormentavam: o de um relógio tic-taqueando os segundos, indiferente à tragédia mas soando aos ouvidos do matador como marteladas ruidosas; e o do seu coração, acelerado pelo nervosismo e que parecia um gongo anunciando, escandalosamente, aos quatro ventos, o seu crime... Corria de um lado para o outro, à busca das imensas riquezas das vítimas que a fama proclamava... Arrombou gavetas, remecheu em arcas e bahus — mas aí! — as velhas eram prudentes e só guardavam em casa o indispensável... Não chegava a dois contos, em notas quasi virgens — a fortuna com que o seu crime foi premiado. Embora estivesse muito longe das irmãs de Montecristo que os boatos criavam — era uma quantia razoável para a época (1904) e chegava para amoraçar os credores mais recalcitrantes e ameaçadores! Equivocou-se. O primeiro que lhe apareceu na segunda feira, exigira-lhe pagamento íntegro da dívida — um conto e quinhentos — e quando ele ofereceu o restante ao segundo (conta uma testemunha presencial) o credor insultou-o com os mais vis epítetos e com as mais infamantes acusações! Foi a testemunha dessa scena que mais influiu na crença geral de que o «Farinheira» não só não agira sosinho — como, pelo contrario, era o menos culpado de todos os da conjura contra as pobres velhas. Baseava-se essa suspeita em certas frases que fugiram dos labios do criminoso — e que revelavam a existencia de cúmplices. Comtudo, por mais esforços que a justiça empregasse, por mais habeis que fossem os interrogatorios, não houve forma de lhe arrancar os nomes desses socios ou inspiradores. — «Premeditai e agi sosinho! era a resposta dogmatica do reu. — Ninguém me instigou ao crime, ninguém me ajudou...»

Mentia generosamente, o «Farinheira»...

### Quem eram os cúmplices do criminoso...

Ha já algumas semanas que um amigo nosso nos dizia sempre que o topávamos em qualquer esquina do Porto: «Quando V. quizer saber toda a verdade sobre o «misterio das velhas de S. Lazaro» esteja ás... horas, no café Z...». Calhou hontem. «Sempre lhe interessa o assunto de que lhe tenho falado? Sim? Nesse caso — deixe que lhe apresente o sr. P...». Trocadas as saudações protocolares, o meu amigo concluiu: «O sr. P... viveu, durante muitos anos, nas nossas colonias e conheceu e foi confidante dum degradado, um desgraçado que, por sua vez foi intimo do «Farinheira», o assassino das «velhas de S. Lazaro». Como V. sabe, o «Farinheira» morreu no degredo, precisamente no dia em que fazia treze anos que cometera o seu crime... Morreu nos braços do tal condenado... Ouve... ouve...»

E o tal sr. P... contou. «— O Farinheira por varias vezes dissera, um desabafo ao camarada predilecto, que ele era o menos responsável da tragedia que lhe estragara para sempre a vida. Chegou o mesmo a ensinuar quem eram os verdadeiros responsáveis. Ao sentir o estertor estrangulando-o num aviso de morte, pediu para ficar só comigo — perdão...: com o tal degradado confidante e disse-lhe: «Não quero que este segredo fique para sempre comigo — sobretudo agora que vou partir para nunca mais voltar... Se um dia achares

conveniente revela-lo a toda a gente — não o hesites — mas só quando for preciso. Os meus credores não se deixavam tranquillo. Ameaçavam-me, insultavam-me, pintavam de negro o meu futuro. Na semana que antecedeu o crime — três entre eles reuniram-se em conciliabulo e com pesinhos de lá começaram a falar-me dum crime de que a imprensa francesa se occupava — uma velha rica que tinha sido assassinada e cujo autor, apoderando-se de uma verdadeira fortuna, conseguia escapar à policia e jogar livre e impunemente o produto da sua infamia. No dia seguinte, fecharam-se comigo e mostraram-me os jornais. O crime fora cometido na praia de Aleix-Beux, a vitima chamava-se Eugenia Fanzéres, o roubo attingia cem mil francos e do criminoso... nem rastos. E assim como quem não quer a coisa compararmos a velha assassinada ás minhas velhas visinhas, insinuando que pouco mais podiam durar, que alguém que estivesse nas minhas condições podia mata-las, rouba-las sem o menor perigo ou suspeita... «Era a forma de liquidares connosco, de equilibrares a vida e te regalares ainda com algumas dezenas de contos...» Quasi que os expulsi de casa — mas nos outros dias, vinha um de

cada vez, e tanto batalharam, tanto ameaçaram, tanto prometeram — que por fim, comecei a ceder... No proximo domingo, teria desistido do crime se eles não me tivessem apparecido inesperadamente e se não me obrigassem a subir à casa das velhas. Quando voltei... já eles tinham partido, os velhacos, para evitar responsabilidades! Na segunda-feira, quando lhes disse que apenas trouxera dois contos incompletos, chamaram-me gatuno, convencidos que eu mentia e que ficara com parte de leão... Foram eles os verdadeiros assassinos!»

«— E o Farinheira não pronunciou nome? inquiri.

«— Pronunciou — e o tal degradado repetiu-os. Eu é que não posso nem devo por agora revela-los. Basta dizer que todos eram considerados honrados comerciantes desta cidade — e que um deles vive ainda — um velho — com mais setenta anos — e é tido como uma nobre figura moral! Um genro seu anda muito empenhado em varias campanhas contra... a crescente immoralidade e contra as intoxicações sociais provenientes da falta de religião. Ignorará ele o crime do sogro? E' possível! Mas o sogro, sei eu, é da mesma opinião e ajuda-o na sua obra... Hipocritas!»

## Os segredos do «1808»

(Conclusão da pag. 3)

ção é que *sintitisei* a verdade historica — porque o tal critico não encontrou nos seus dogmaticos compendios referencias que o tranquilizassem. Se eu amanhã escrever um romance sobre Afonso Henriques, e disser em determinado capitulo: «O jovem monarca interrompeu a conversa porque um ataque de tosse o abafou durante minutos», e alguém vem protestar, argumentando que «...nem Herculano, nem Pinheiro Chagas não dão um unico indício de que o fundador da nacionalidade tivesse tossido» — eu ria-me com boa vontade. A historia não é um disco fonografico nem filme cinematografico a todos os minutos da vida dos seus heróis. Cita, detalhadamente ou não, os episodios que conseguiu apurar. Mas os intervalos servem ás mil maravilhas para que o escritor possa construir, por dedução, calculo ou baseado em informações ineditas, os seus romances ou as suas peças. O que se deve exigir é que essas construções estejam em logico ritmo a antropometria historica e nada mais. Apresentar Junot, em 1808, como um tarado inimigo do genero fraco — isso sim, seria uma fantasia condenavel, porque não se adoptava a verdade reconhecida; mas exhibir o um Tenorio e dar-lhe um filho de vinte anos, quando a historia nos evoca na época, dezenas de amantes, com etc. no fim; e nos conta que já aos 16 anos era o terror das Julietas plebeias da visinhança — não é como uma ousadia empudica, porque Lidia Toscani está no etc.; e porque o filho de vinte anos podia ser o rebento natural de qualquer das suas proezas precoces...

O teatro foi a primeira forma da literatura que me suggestionou. Aos 13 anos estreava-me como comediografo numa obra homopatica — inverosivelmente intitulada «Similis, Similibres» Sofri durante anos — e já em pleno profissionalismo das letras — uma especie de timidez, mixto de exagerado pudor, que me continha de imprimir as minhas dores na tipografia

scenica. A «Dama do Sud» foi a experiencia; e a boa sorte que a grudou aos cartazes de Lisboa, Porto, provincia e em breve de Madrid e de Londres (na primeira traduzida por Linares Beerra, presidente da Sociedade dos Autores Espanhois; e na segunda por Miss Edwiche Scott, antiga secretaria do falecido Lopes Wallace) veio quebrar a timidez e esarelar o pudor que me afastavam do teatro. Com tudo, no tablado mais intimo da minha consciencia — uma duvida me amolecia os impetos: seria obra do acaso, um bom feitiço excepcional ou a demonstração de uma tendencia? Repeti a ginasica fazendo o «1808» — e ante a repetição ou a dilatação dos bons resultados — deixei-me convencer. Sinto-me agora ansioso, inquieto, transbordante de teatro, lamentando não poder dedicar-me exclusivamente à arte. Tenho catalogado, reunido, metodisado todas as ideias que recolhi, sem esforço, durante vinte anos de passivismo teatral e empreendendo-me ante o stock virgem de materias primas que posso dispor... Vou lançar-me, com verdadeira volupia, a este novo genero literario?»

«Não! Não penso no exclusivismo do teatro policial. Seria monotono esgotante mesmo para mim e para o publico — sobretudo num meio estreito como o nosso repetir, em todas as peças, o dinamo central dum crime ou dum roubo enigmático e formar, em volta, uma especie de *carroussel* de ferro, com um assassino ou um gatuno a correr perseguido por um *detective* mais ou menos sagaz. O que pretendo, sim, é usar desse sistema os imans do interesse e os graficos da emoção, segundo o meu temperamento, a minha sensibilidade e os meus modestos recursos. Mas isso não é novidade, porque tanto na «Dama do Sud», como no «1808» experimentei a adaptação do genero. Nem um nem outro drama são *policiais* — e cumprem, melhor ou peor o seu dever para com o publico, como se o fossem...»

M. E.

# Eu conheci o assassino do presidente Doumer!

Esteve em Lisboa em Setembro do ano passado

**N**A TARDE de 6, um alviçareiro amigo invadiu o meu gabinete de trabalho, e de sobrolho arqueado, num luxuoso alarde de arauto solene — berrou, logo entre portas: «Mataram Doumer — o presidente da Republica Francesa.» E enquanto dilatava, com a lupa da sua indignação, o laconismo dos placads — observei, com estranheza, que a noticia me emocionava, intrigando-me. Doumer, o simbolismo do equilibrio politico, social, moral da França de hoje que é a França de 93 e a França que sempre, com os seus defeitos e a sua virtude — não podia ter provocado um odio mortal. O crime vinha de longe, do estrangeiro. Era um russo, o assassino. Sentença pronunciada por qualquer conjura politica? Vermelhos? Brancos? Verdes?

Nos dias 7 e 8 os jornais estalavam de noticiario, detalhando até á minucia, a tragedia, a agonia e morte do Chefe do Estado, a desolação que causara em todo o país e em todos os países, as hipoteses que a policia teria em redor do enigma, os comentarios, as profecias, as deduções sobre a causa. No dia 9 aparecem as primeiras informaçoes graficas — um instantaneo flagrante — o corpo da vitima levado pela *entourage* do palacio Rotchild para o auto e varios outros aspectos cinematograficos... A emoção com que o crime que alvoracera no primeiro dia, diluía-se sobrepostas por outras sensaçoes mais violentas...



Após o atentado de Seravejo contra os Grã-duques austríacos: O assassino, conduzido á prisão pelos agentes secretos que vinham de Viena

## E... (Revelações imprevistas pelo REPORTER

O unico interesse que se intensificava no espirito era consequente do misterio folhetinesco que circulava á volta do auctor da façanha-misterio que ele proprio adensava, desconcertando a policia como estratagemas de defeza... Um só comentario se me ofereceu fazer: o da polemica que estralejava a proposito dos objectivos e estudos de assassino; o do ardor com que gregos e troianos queriam etequetar de bolxevista ou de fascista o criminoso. E uma vez feio o comentario — afastei-me do assunto — como de uma fonte esgotada... Dia 11 e 12 e 13 e 14. Desenterejava-me por completo do seguimento do drama — e nem sequer o segredo do crime me inquietava — tão firme é já a minha dedução a tal respeito. Dia 15: eis que me lanço de novo, agitado, quasi febril, na labareda do misterio... Desempacotei uns jornaes que me chegam de Paris... Entre esses jornaes vem o *Vu*... O *Vu* tem uma sugestiva e flagrante reportagem fotografica — e aos meus olhos ergue-se, com relevo e palpitante vida, o retrato de Paul Gorguloff!

Foi como se me tivessem exibido a foto de um grande escritor em plena discussão — que eu tivesse reconhecido nessa foto um velho conhecimento. Foi como se me tivesse caído ás mãos a prova documentada de quem é o raptor do filho de Lindenberg...

Tanta polemica, tantas hipoteses, tanto afan na busca da verdadeira personalidade do assassino — e ele vinha revelar-se-me aos meus olhos! Seria porque eu conhecia aquele homem! Não será possível um equívoco, nem sequer a sombra duma duvida! Conheço-o! Falara-lhe já e mais de uma vez!

Onde? Quando? Como? Porquê?

Antes de mais nada, uma declaração. Acusam-me de frequente fantasia. Não me



Jeo Cinbranovitch, o heroico jornalista montenegrino

ofende, nem deprime a acusação — e muito menos procuro desmentir-la. Considero fantasia como a essencia de todas as artes, materia prima da literatura. Retocar, colorir, engrandecer, teatralizar, desempastelar da fanalida-de a verdade insipida sem paladar, nem feitiço, sem gosto, sem emoção — longe de ser uma falta é uma virtude literaria, tanto mais digna de louvor quanto mais a dosearmos de fantasia... Mas tudo neste mundo sofre o limite das fronteiras do bom senso e da dignidade.

Se não pode haver quadro sem jogo harmonioso de tintas,



Um instantaneo celebre (do repórter enviado especial a Madrid) seguiu a bomba deitada sobre a carruagem gressam da igreja, após o casamento, varios policas caidos: fumaçara do exp

essas mesmas tintas, que numa tela de Vinci acareciam os olhos num afago de paraizo, applicados a um marmore tornam-no grotesco, grosseiro, plebeo.

Da mesma forma elle procurava excitar a imaginação para dela arrancar a alma com que depois dinamiso qualquer trabalho literario — e até jornalístico — sujeito á minha prosa a essa filtragem severissima ao kodakisar um facto grave, ao gritar essa afirmação, ao avaliar nesse problema, ao discutir uma ideia, ao revelar uma verdade valiosa... Então assim: a mais insignificante pepita de fantasia me ficava pesando na consciencia como um crime; um só vocabulo com alcapão para cuas interpretações seria expulso da frage em que se engraudasse — como um traidor...

Portanto, sei hoies, por mais activa e constante que julguem a minha fantasia; por mais inverosimil que se lhes afigure esta coincidência sensacional — não podem duvidar sequer da sinceridade — da verdade 100 por 100 de tudo quanto vou contar-lhes.

Passei noites de tortura, siranjando á volta do retrato que tanto me inquietava! Que esforço, que torção inquebrantavel brocando a memoria até ás minimas reminiscencias — a correr sempre atraz de uma certeza mascarada com uma pequena loupe da amnesia; saber que não nos equivocamos, procurar desvendar o que ainda se oculta — e o pequeno segredo a fugir sempre, a escapar sempre das nossas garras amorosas... Desfilaram pelo meu espirito cenas de café, de viagens, de restaurants, de comboios; encontros, apresentações, conhecimentos do acaso... Havia, sobretudo, um minuculo farol de Alexandria que me rasgava as trevas torturantes... o sorriso do retrato, um sorriso que



fico de «Petit Journal» de Paris, is de estalar na calle Mayor a Afonso XIII e sua esposa, re- Veem-se os cavalos encabriterados com os estilhaços e a ando o fundo.



Paul Gorguloff antes do crime (em cima) e depois do crime (em baixo), apresentando vestigios da colera popular. Ao meio — o Cais do Sodré, no local exato onde ele apareceu em Lisboa...



lhe atrofia os labios, que lhe reduz a boca mascula ás proporções de uma boca de velha, arrepanhando-lhe as faces numa contração trocista, temperada com uma artificial expressão de ternura que lhe semi-cerra as palpebras e lhe modifica em absoluto a mascara. Esse sorriso era para mim o *ex-libris* do homem, a chave do enigma, a ficha da memoria...

Por fim, já a desanimar, as sombras transparentaram-se, da mancha informe desabrochou toda a verdade.

Já sabia quem era e como o conheçera!

Em dezenbro de 1930 fui, com o meu ilus-

tre camarada Ade'ino Mendes, com Jeo Cinbranovitch e um ajudante inglez de Adelino Mendes, jantar a um restaurant turco de New-Old Street em Londres. Quem me cercionara até lá fora Cinbranovitch. Não é primeira vez que este jornal evoca e descreve este nobre simbolo de patriotismo intransigente e sacrificado. Montenegrino, jornalista, amigo pessoal do rei Nikitas, director do unico diario do seu paiz — aos desolados anos — alistava-se como voluntario quando Montenegro, para defender a vizinha Servia, declara grotescamente guerra á Austria — em 1914.

Acompanhou todo o calvario do seu exer-



O assassinato do presidente Sadi-Carnot (Do «Petit Journal» da epoca).



então o seu martírio, a sua inquietação não tem limites. Arruína-se conspira, e nas conferências, protesta, suplica, luta, constantemente para reconquistar a liberdade da pátria escravizada. Expulso de Itália, por imposição do rei Alexandre da Servia, que o odeia, e depois de ter tentado uma louca incursão com armamento italiano e dum punhado de patriotas — refugiou-se em Londres — onde o conheci, apresentado pelo meu grande amigo — o Dr. Rampagni — medico italiano. Tinha trinta e oito anos — e parecia um velho; fora rico — e estava pobre; fôra forte — era uma sombra de si proprio. E contudo não desanimara, não abandonara a lucta...

Precisava de um secretario que me auxiliasse — e Rampagni recomendou-o. Acompanhando-me por toda a parte levava-me aquele *restaurant turco*, *rendez-vous* de todas as colonias balticas — servios exilados, bulgaros, macedonios, albanezes, gregos, etc... Na noite em que eu levava ali Adelino Mendes — um comensal gigantesco, com um recorte craneano suspeito, indiscreto pelas taras que revelava — e que saudara, distraido Cinbranovitch á passagem fixou a sua atenção na nossa meza para nunca mais a desprender. A certa altura ergueu-se e fazendo um sinal ao meu amigo montenegrino obrigou-o a abandonar-nos para se acantonar com ele num conciliabulo que pouco durou. A' saída (ele prolongara o seu jantar de forma a coincidir a sua saída com a nossa) curvou-se em salamaleques tão servis que Cinbranovitch não teve outro remedio senão apresentar-nos. Não me recordeo o nome que o meu amigo pronunciou; recordeo sim o seu sorriso, o mesmo sorriso do retrato do *Vu*, sorriso que me fez reconhecer-lo...

Já na rua — Cinbranovitch segredou-me: «E' um antigo official do exercito de Kolback — mas diz-se de nacionalidade servia. E' um suspeito para todos os que entram nesta casa. Tem, pelo menos, todo o aspecto dum esbirro. As nossas relações são tão vagas que não lhe permitem a intimidade de me fazer levantar da meza só pela curiosidade de saber quem era V. e os seus amigos! Só um espião, e um espião pouco habil comete esta imprudente grosseria...»

\* \* \*

Passam-se mezes. A redacção do «Reporter X» está instalada na Rua do Alecrim, 65, no mesmo edificio do *A B C*. Em Setembro ou Outubro de 1931 aparece-me em Lisboa um escultor montenegrino, recomendado por Cinbranovitch um d'Artagnan eslavico, *globe-trotter* da arte. Entrevistei-o, acolhi-o com o carinho a que tenho direito. Mais tarde, no Cais Sodré, passando nós frente á estação do Estoril, fomos abordados por um gigante estranho, antipatico apesar de um sorriso estereotipado — um sorriso que gelava como uma lamina. O escultor acolheu-o com frieza... Perguntando-lhe quando chegara e que ventos o trouxera a Portugal:

— «Venho de Espanha... trago uma missão dos meus chefes... Devo partir no sabado para Paris...» Repetiu varias vezes a palavra chefe como que a provocar uma pergunta que o meu companheiro não quiz formular... Indagou em que Hotel estava, «Nas Duas Nações», informou o montenegrino. Era natural que o gigante, por sua vez, dissesse onde se hospedava. Não o fez; e por fim, alargando o seu diabolico sorriso dirigiu-se-me: «O senhor já

## “O Homem que brincava, em Lisboa com a T. S. F...»

Por absoluta falta de espaço fomos obrigados a retirar, á ultima hora esta reportagem, do mais palpitante interesse e da mais sensacional oportunidade — que publicaremos no proximo numero.

..... não se lembra de mim? De Londres... no restaurant turco. Fomos apresentados pelo meu grande amigo *Petrovitch* (ele nem sequer se recordou do verdadeiro nome de Cinbranovitch apesar de alardear aquella grande amizade). Lembrava-me, sim... E calei-me logo, amordaçado por um inexpl. caval mal estar. Mas ele insistiu. Em que jornal trabalhava eu, onde era a redacção, qual a melhor hora de me procurar, que me podia fornecer assuntos sensacionais. Interrompeu esta lenga-lenga á chegada de uma dama loura, magra, garridamente vestida, que safu da *gare* e que dando-lhe o braço, em silencio o levou.

— «Conheço-o vagamente. Falei-lhe ha anos, em Berlim. — disse-me depois o escultor montenegrino — Tem pessima fama entre os exilados de varios paizes. Consideram-no como um espião ao serviço de varias legações — sobretudo da Servia...»

Nas vespuras do escultor montenegrino partir para Madrid — tornou a evocar-me o misterioso gigante. «Sabe? Procurou-me no Hotel das Duas Nações. Constatou-lhe que a minha situação financeira não era brilhante e ofereceu-me... a sua desinteressada ajuda. Mas insinuou logo a possibilidade de me proporcionar certos serviços tão suspeitos, que recusei imediatamente essa generosidade...»

Nunca me explicou — nem eu lhe perguntei — que especie de serviços eram esses. E estou arrependido. Talvez fizessem agora bem neste dedalo...

\* \* \*

Eis o que posso revelar sobre Paul Gorguloff. E' muito? E' pouco? Ignoro. Pelo menos a policia francesa fica sabendo que o enigmático assassino do pobre Doumer estava em Londres em 1930 e em Lisboa em Setembro de 1931, acompanhado de uma dama loura que viajava pela linha do Estoril; e ainda que gozava fama de espião de varias legações...

Foi o seu sorriso, sorriso diabolico, sorriso arrepiante que o desmascarou, que o arrancou da minha memoria... Reporter X.

## Foto-Radio JACINTO & GRAÇA, L. DA

Artigos fotograficos, chapas, films, pliculas, papeis, productos e accessorios. Maquinas fotograficas. Montagem e reparação de aparelhos de T. S. F. — Montagem de antenas. Pessoal habilitadissimo

Trav. Sá da Bandeira, 14 PORTO — Telefone 412

## Homens & Factos do Dia

(Conclusão da pag. 5)

v'ria sob a ameaça irremediavel dum manicomio eterno! Depois, como não tinha jornais para o defender publiquei uma carta aberta onde me foi facil fazer brilhar a razão; Como era possivel que dois medicos não psiquiatras condenavam a tão lenta e maquiavelica agonia um moço de 20 anos, lançando-o na escravidão e na miseria enquanto a sua fortuna estava em posse doutros — e havendo 12 medicos alienistas que o consideravam normal e capaz de se designar? A eloquencia da fortuna em perigo e a força dos meus argumentos convenceram por tal forma os juizes sobre a má intenção dos tutores — apoz três meses de lucta titanica, de scenes de pugilat, de rompimentos de relações, de assembleias extraordinarias da associação medica que me prohibia dogmaticamente de discutir problemas medicos, de desgostos, de sacrificios, de tempo perdido — que um belo dia lhe foi levantada toda a interdicação e restituídos os 2 ou 3000 contos. Na manhã desse dia tive-o ainda junto a mim, pessimista, desanimado, chorominguando a sua desdita, suplicando mais lucta, mais sacrificio. Deitara-se ás 5 da manhã, esalfado de trabalho e ás 8 e meia tomava com ele um taxi para cortar as ultimas amarras. A's 3 da tarde, convidando-o a almoçar, disse-lhe: «Descança, rap z! Se não venceremos hoje — será amanhã! — Eu não te abandono enquanto não te restituir á vida!» Fui repousar um pouco. Acordaram-me ás sete, para ir jantar. A' sobrezeza alguém entrou, alviçareiro: «Parabéns! Venceste! O R... está livre de todas as ameaças; e já levantou do banco alguns contos de reis». Nessa mesma noite, (horas depois) cruzava-me com o meu *defendido* no *ball* do Passos Manuel. Entrava o seu grupo de aduladores. Ele ria, fumava, bebericava champagne, cortejava damas alegre, feliz! Poderá! Passara do inferno para o paraizo! Viu-me e voltou a cara! Viu-me — mas fez que não me vira! E nunca mais me procurou ou falou nem sequer para dizer: *Obrigado!* E como este tenho tanto no meu diário de eterno piegas! E é por isso mesmo que as lagrimas me caíram quando recebi esta manhã o quadro do tal penitenciario que me está grato duma forma — tão insignificante que nem sequer consigo recordar do que fosse...

## Um banqueiro, um teatro e um mendigo

NUMA confeitaria da Baixa recém-inaugurada onde, de tarde, á hora do «chá» e á noite, á saída dos espectaculos se nota algum movimento — bastante até, nesta epoca de crise e nesta terra de sonambulos provincianos — estava ha meia duzia de dias tomando um chocolate familiar um dos mais famosos e fanhosos banqueiros do Porto. Surpreza: a quele heroe molieresco atravessado com Shylock comendo tal extravagancia exterior? para cima de dezoito de escudos de despeza e... 80 centavos de gorjeta (menos de 10 p. c.). Quando, liquidava a conta, deixou cair no pir s que o creado lhe estendia, as ultimas tres moedas de tostão — a dama que o acompanhava acotovelou-o e sussurrou-lhe ao ouvido: «Chega! Chega 5 tostões! Lá no Norte, no Bolhão, nunca dou mais que *dous* e já é um pau.» Saiu o banqueiro e a familia; um desgraçado deschapela-se e supplica-lhe, timidamente uma esmola. Vê-se á legua que é um inexperiente e que aquela supplica lhe pesa como uma imensa esfera de chumbo. O fanhosso *banqueiro*: « — Não pôde ser! » A *dama*: « Que trabalhe! » O *mendigo*: « Isso queria eu, minha senhora! » O *banqueiro*: « Cantigas! » A *dama*: « Que secca! » Não se pôde dar um passo sem se ser encomodado por estes vadios! Uma onda de sangue avermelhou as faces do mendigo que se afastou... Entretanto o banqueiro e familia seguiu, a passo lento para o Rocio... Pois bem. Esse banqueiro cujos lucros anuaes sobem a 6, 7 e 10 mil contos, cuja fortuna estala os cofres, fechara, poucas hor s antes, um negocio (a venda dum teatro...) que devia dar-lhe uma ganancia quantiosissima! E não tinha uma moeda para matar a fome áquele desgraçado. A scena é autentica.

## A MAIS REPUGNANTE DAS PROFANAÇÕES

## Um cadáver vendido por cem contos

Gastro Soromenho, um espírito brilhantíssimo da moderna geração literária e que é já hoje um colonial experimentado, evoca um episódio vivido, durante a sua última estadia em África — episódio real e emocionante

EM Março de 1929, acampeei nas margens do rio Cuando, em terras de Angola, lá no longínquo Luchazes, na região designada pelo bárbaro nome gentílico de Cangombe. Atendado ali, havia dois dias, informaram-me de que um branco, estrangeiro, atravessara a fronteira, a caminho da terra dos Menas.

Imediatamente procurei saber de quem se tratava, e desejei a aproximação do desconhecido. Só quem vive isolado, no meio do gentio bárbaro, sabe apreciar uns momentos de convívio com seus irmãos na cór e costumes; e eu andava sedento de notícias desse mundo civilizado, que, ainda «menino e moço», abandonára.

Eu, então, tinha do mundo civilizado uma visão quasi infantil, que me fazia ver nas grandes cidades somente jardins de prazer!

Vivia longe, muito longe, descuidado e ignorante da maldade dos homens e dos vícios abomináveis que medram nessas grandes capitais.

Meio dia dum dia africano. O rio, esse Quando tão lindo e tão caprichoso, espreguiçava-se tão languidamente, como se estivesse também morto de calor! Reinava na selva um silêncio profundo, e a natureza parece que dormia. Vindo de longe, ainda não se sabe de onde, um silvo agudo, estridente, acordou a paz da selva. Ergui-me dum salto e lancei a vista para a selva, por além do Cuando. Na ta de novo. Quem quer que fôsse ainda vinha longe, talvez na outra margem do rio, onde é costume passar o gado que vai encontrar matadouro na Lunda.

A tarde comçou a morrer. E o sol — como cavalo de fogo, que vai beber cansado à Fonte do Poente, — foi banhar-se a muita distancia de mim, lá na curva sinuosa do elegante e caprichoso Cuando. Um novo silvo, um novo aviso, prende a nossa atenção. Ei-lo que chega! Monta um cavalo garboso, negro e ligeiramente malhado de branco. Cavalo e cavaleiro veem cansados. Ao longe vem a manada: mil bois que vão alimentar poucas dezenas de brancos. Desse mil, um terço está em condições, os outros caminham por favôr...

O estrangeiro era um homem alto, espadado, um fiel representante dos filhos da Europa do Norte. Disse-me que era russo. Mais tarde vim a saber que é de nacionalidade grega, e no entanto parece russo. Estes estrangeiros que andam perdidos por Angola muito gostam de se ocultar... Apesar de de rude e de me não ser simpático, jantámos juntos e conversámos durante bastante tempo. Na madrugada do dia seguinte lá se foi, mais o seu cavalo e os bois, caminho de Lunda.

Fiquei de novo só. Nessa mesma tarde, o meu criado, um preto vulgar, mas que estivera trabalhando nas minas de diamantes no Congo Belga, falou-me do estrangeiro e da sua vida tão extranha como criminosas.

## Está um cadáver em leilão!

## 100 contos, quem dá mais?

Numa pequena povoação do Congo Belga existiu, ai por 1900, uma casa comercial do sr. Antonio Serra, um português que ainda novo se estabeleceu com casa de fazendas naquele territorio estrangeiro, então vasto campo para os grandes traficantes com o gentio.

Este português casou, um ano depois de estar no Congo Belga, com uma senhora, de nacionalidade grega, viuva, não se sabe de quem, e que levou para o casal um rebento macho.

Os anos passaram. O casal foi envelhecendo e o rebento crescendo. Um dia o Antonio Serra morreu, deixando a viuva e o enteado com bastantes meios e com a casa comercial num estado bastante prospero. Em 1915, o grego, o rebento, como bom aventureiro, alistou-se na legião estrangeira, e lá foi bater-se contra o alemão.

Meses depois morria a viuva Serra. Encontrando-se ausente o cinico herdeiro, um traficante, italiano dizem que era, ilícitamente, chamou a si os bens do grego. Isto, feito durante o periodo da guerra e no interior da Africa, passou despercebido às autoridades. Havia muito em que pensar, e sabia-se lá se o grego já não teria da o alma ao criador... O italiano, mais a mulher e a filha, instala-

(Conclue na pag. 12)



## CONFISSÕES DUM PALHAÇO

## "Joãosinho" o "clow" português que abandonou a pista, evoca-nos o seu passado

SÉR palhaço!... Cabriolar na pista em esgares que provocam o riso e, quantos dór oculia sôb a alvaide e o vermelho que lhe deformam o rosto. O palhaço tem que rir, rir sempre e divertir os outros. Que lhe imponha as suas dores físicas ou morais, se o publico quer rir?

Ri, ri sempre palhaço, disforme clown lantejoulado, salta, dá cambalhotas; que importa ao publico que estejas doente, que te-



Uma expressão de «Joãosinho»

nhas fome, que sejas infeliz. O publico paga—quere rir.

Sabido é, que o humorista, aquele que a sua profissão é fazer rir é sempre na intimidade um triste, um irracível e pode-se bem avaliar o esforço sobre humano que esses jograis empregam para inventar sempre todas as noites novas modalidades de divertimentos. — Ri palhaço, ri — e faz rir.

Vamos aqui traçar de um palhaço português que em Espanha era conhecido por Jean e em Portugal por Joãosinho. Chama-se êle João de Almeida Costa e, foi *partenaire* ou *Augusto* dos palhaços Delmas, Pajol e Gordo, durante anos, diligenciando sempre que o seu trabalho sobressaísse, com uma vontade firme, tenaz, ao serviço da intelligencia.

Constou-nos que João de Almeida e Costa ia abandonar a pista e, seria interessante arquivarmos nas colunas do nosso jornal o relato do que foi a vida artistica dêsse bohémio do riso.

— Começou a sua carreira em 1914, no Coliseu dos Recreios, como ginasta do *Trio Fortes* do qual é o unico sobrevivente. Seguiu depois para Espanha, discípulo da troupe francesa *Batsolas* e trabalhou em barras fixas, com Done. Gustinis e Zachini. Neste género de trabalho sofreu dois desastres importantes: o primeiro no Coliseu dos Recreios, que o obrigou a estar 60 dias numa cama do hospital com o ant-braço partido; e o segundo no Barreiro, quando trabalhava no *Circ America Show*, estando meia hora sem sentidos com uma clavícula parti a.

(Continua na pag. 15)

# A TORRE DE BABEL

## ...não era uma lenda bíblica!

Uma expedição anglo-americana descobriu, na Mesopotâmia as ruínas da celebre obra do rei Nenrod e revela-nos os seus segredos emocionantes

A TORRE de Babel é uma iragem já banalisada, á força de repetida e nenhum homem moderno, mesmo analfabeto, ignora o seu significado. Mas eis que uma expedição de exploradores anglo-americanos, na Mesopotâmia, anunciou ter descoberto em Ur, na Chaldea, proximo da antiga Babilonia, vestígios da Torre de Babel! E, como esta noticia mereceu o credito dos sabios — todos que, até hoje, falavam dessa fantástica empresa, como de uma lenda inverosimil e infantil, são obrigados a acreditar que houve, de facto, quem, ha muitos seculos, pensasse em conquistar o céu — construiu uma torre tão alta, tão alta... que chegasse a Deus.

O grego Herodoto foi quem primeiro revelou essa torre. Mas vejamos o que dela se diz na Genese: «Estes povos, tinham encontrado uma planície no pais de Senaar, e diriam então uns aos outros: «Vamos, façamos tijolos e cosamo-los ao fogo.» Serviam-se então desses tijolos, como se fossem pedras e de betume como se fosse cimento. Qual o objectivo verdadeiro do rei Nenrod? Chegar ao céu e conhecer Deus, como diz a lenda — ou apenas construir uma obra que lhe desse a celebridade?

A Torre de Babel devia marcar o centro da cidade de Ur. A lenda diz ainda que os operarios de Nenrod levaram quarenta anos a trabalhar finios os quais sofreram a invasão de mosquitos diabolicos, enxameados em nuvens que os levaram a fugir, depois de terem picado mortalmente muitos deles. Com esses mosquitos entrando pelo nariz ou cerebro do proprio rei, causava-lhe dores tão violentas que Nenrod precisava que lhe batesses brucalmente no craneo... para acalmar! Isto diz a lenda, mas ainda hoje a região babilonica es.á infestada por essa classe de insectos malditos!

Hérodoto fala-nos da Torre, no ano 450 antes de Cristo: «Ao centro da cidade diz ele — encontra-se o templo de Jupiter Belus. Forma um quadrado de dois estadios (o estadio antigo media 105 metros). Ao meio eleva-se uma Torre que tem um estadio de altura e outro de diametro; sôbre esta Torre ergue-se ainda uma outra e após esta ou tra, até oito torres sobrepostas e no topo havia uma magnifica cama e uma mesa em ouro. O caminho para se chegar ao topo era formado por um escadorio circundando a torre a toda a sua volta havendo em cada plataforma uma espaçosa camara para que as pessoas que á torre subissem, pudessem descansar da tão fatigante viagem. Os sabios que descobriram as suas ruínas no vale do Eufrates computam a sua altura á proximidade em 185 metros ou seja mais uns quarenta metros que a piramide de Cheops que era até á data o monumento considerado mais alto ao mundo.

Os destroços deste fantastico monumento segundo diz P. Scheil são ainda verdadeiras montanhas. Estendem-se sôbre uma superficie



de 160 mil metros. Deixemos vaguear um pouco a imaginação ao sabor da fantasia, pensemos o que seria o fustoso destino desta côrte, com

mundo dos arqueologos, interessa não só a eles porque vem provar que a lenda dos escautores de Céu tinha todos os visos de verdadeira mas até aos leigos em arqueologia e historia pelo que de interessante encerra.

O templo, o palacio e a torre estavam já em parte destruidos quando no ano 325 antes de Cristo, Alexandre o Grande veio a Babilonia e maravilhado pelos restos de estes magnificos monumentos concebeu o plano de os reconstruir e pôs todo o seu exercito a trabalhar, mas mesmo assim dez mil homens levaram dois mezes para removerem os escombros até que a morte de Alexandre veio interromper os trabalhos e o tempo continuou a sua obra de devastação. Em 1574 um medico alemão chamado Ranwolf, que explorou todo o vale do Eufrates, menciona a existencia da Torre de Babel:

«Tão arruinada e cheia de animais venenosos que não é possível aproximar-se senão durante dois meses no ano». Mas já tambem o célebre explorador italiano Pietro della Valle descreve as dimensões, a sua forma tujo nos faz inicar que seja esta a Torre a que Strabão chama o *Tumulo de Strabão* e que este monumento deve ser designado com o nome de *Torre de Nenrod* ou de *Babel*.

A forma como esta construção está feita é a mais curiosa do mundo: são grandes tijolos, grossos e secos ao sol e ligados entre si por uma espécie de terra.

E' esta a narrativa mais antiga que se conhece sôbre a Torre de Babel ou Babilonia. As buscas continuam e quantas revelações sensacionais não nos esperam ainda sobre esse passado longiuquo?

palacios maravilhosos cheios de ouro, perfumes que entonteciam e enebriavam

Esta expedição anglo-americana que na Mesopotâmia anuncia esta descoberta ao

## Um cadaver vendido por cem contos

(Conclusão da página 11)

ram-se, comodamente, na propriedade alheia. E o tempo, no seu andar constante, foi passando. Porém, amanh-céu o dia da glória e acabou o campo para as aventuras guerreiras. O grego voltou. Não encontrou a mãe, não encontrou a fortuna, não encontrou nada... Manobrou tentando entrar na posse do que por lei, era seu. A lei!... A lei era o dinheiro e ele não o tinha. Trabalhou durante alguns anos, os necessários para fazer uma pequena fortuna. E, já munido com o ouro necessário para guerrear, voltou à povoação do Congo Belga, onde o ladrão gosava a sua fortuna.

Mas que desilusão! Não encontrou o italiano: havia morrido meses antes.

A viuva liquidara tudo e estava em preparativos para ir de largada até à Europa, esperando sómente que sua filha, atacada por uma biliosa, melhorasse.

Zita, a filha do italiano ladrão, era uma linda mulher de 20 anos. E o grego amava-a loucamente desde que a viu. Por ela, pelo

amor que lhe tinha, não matara o traficante. Grande foi o seu espanto quando soube que ela abandonava a Africa.

Não, não abandonou. Morreu vitimada pela biliosa que não perdoa.

E foi este cadaver que o grego comprou por 100 contos!

### O amante da morta!

Loira, muito loira e branca, fria, horrorosamente fria, como a heroína dum soneto famoso, Zita dorme, no leito da morte, seu derrad-iro sono.

Um homem vela o cadaver: o grego. Uma mulher chora e reza: a mãe da morta. O silencio é enorme, pesado, angustioso. Soluços e suspiros é a vida daquele quadro da morte. Horas depois do falecimento da Zita, numa sala perto da camara mortuaria, um homem, dizem que o amante da viuva do italiano, vendeu ao grego, por 100 contos o cadaver daquela pobre criança. E' voz corrente que o grego quiz impor o seu profano amor ás mais sagradas leis da vida — que são as da morte!

E os pretos, não esquecendo o crime repugnante, germinaram uma lenda que ficou a atestar a profanação: dizem que, uma vez por ano, se ouve, junto da sepultura da morta, gemidos, que recordam os de uma virgem que fosse assaltada por uma fera de brutais desejos!

Que misterios a Africa oculta!

Castro Soromenho

Mannheimer V. G.

SEGUROS DE AUTOMOVEIS

TELEFONE 23533

L. Barão de Quintela, 11-2.º

NEGOCIOS

ESCUROS...



Em cima — A Caixa Geral de Credito Popular. Em baixo — O Café Comercial.

HA algum tempo que vinham chegando até nós uns rumores de que, em redor das casas de crédito popular, existiam os sombrios manejos de um bando de indivíduos — de um «cambão» sem escrúpulos — pretendendo negociar com os objectos de maior valia e fácil revenda, que se encontram empenhados naquelas casas. Os «cambões», em Lisboa, são inúmeros. Conheçemos alguns bastante curiosos, e até escandalosos, que temos a intensão de desmascarar um dia. Em redor de quasi todos os ramos comerciais e industriais de Lisboa, esvoaçam os «cambões» que, muitas vezes, encerram propositos tão graves que, se a policia e os tribunais descobrissem, não hesitavam em desfazer as ficticias aureolas de honrabilidade e pondos que rodeiam certos individuos muito respeitadas e conhecidos... E, por estes e outros motivos, limitamo-nos a tomar uns apontamentos e a aguardar a oportunidade... Os rumores, porem, foram subindo de tom, surgiram nomes, datas, algarismos e o que é mais importante! — parece que ha documentos. Então concordamos em que chegara o momento de agir.

Conversamos com quem conhece os meandros destes assuntos; e, reunindo os varios fios do enorme novelo que se nos deparou, concluimos que existia, efectivamente, qual-quer coisa... — como havemos de dizer? «escuro»... Ouvimos falar vagamente na substituição das pedras preciosas de algumas joias empenhadas; disseram-os que os componentes do «cambão» se reuniam e planeavam os seus «raids» no «Café Comercial»:

Duas historias, porem, se destacaram: a de uma mobilia, em pau santo, hipotecada numa casa de credito popular da Travessa das Monicas, e outra de uma esmeralda engastada num anel. O primeiro destes episodios é bastante curioso e, em virtude de existirem alguns melindres que, neste momento não queremos ferir, limitamo-nos a, por hoje, desvendarmos as suas linhas gerais.

\* \* \*

Ha tempos, foi empenhada numa «Casa de Credito Popular», na Travessa das Monicas, N.º 22-1.º, uma preciosa mobilia, em pau santo. Passa-o pouco tempo, a viuva da pessoa que realizara a hipoteca, entregou, na agencia, certa importancia para amortisação do emprestimo e, umas semanas depois, (parece que antes de terminado o prazo determinado por Lei para cancelar os contratos), dirigiu-se, novamente, á casa da Travessa das Monicas, afim de liquidar o emprestimo e reaver os objectos empenhados. Houve, nessa altura, uma certa atrapalhação entre os mui dignos funcionarios da casa de penhores... Onde estaria a mobilia? Que diebo seria feito dela? Procurou-se por todos os lados onde pude-se meter-se e, por fim, depois de varias pesquisas infructiferas, lá se deu com a malfadada mobilia arrumada num canto, coberta de poeira e povoada por azuagados bandos de ratos e aguerridos batalhões de baratas. A dona dos objectos não ficou muito satisfeita com tudo isto. Mas foi enorme o seu assombro ao reparar que a mobilia estava incompleta, faltando-lhe algumas das melhores e mais valiosas peças. Inquirindo como se explicava tal facto, recebeu como resposta algumas evasivas, palavras truncadas, um murmuro de embaraço e, finalmente, a noticia de que, as peças que faltavam, haviam sido vendidas a um Sr. M. que parece ser empregado superior dessa organização de credito popular.

## Existe um misterioso «cambão» em redor de certas Casas de Credito Popular?

Até aqui ainda o assunto se pode justificar duma forma... «muito especulo» Mas, a pobre viuva, por intermedio de pessoa competente, tratou de reclamar junto de quem de direito a indemnisação referente aos objectos que haviam sido vendidos duma maneira tão estranha, e, até hoje, todas as reclamações tem sido desatendidas, recebendo, como resposta, a observação de que, o que reclama, é «improcedente»! Como se compreende isto? — perguntará o leitor. Nós, porem, ainda não o sabemos explicar.

Qual o segredo do negocio? Antecipar-mo-se aos leitores? Assim se afirma — a lucrativa deve ser essa antecipação vis'o que o grupo possui numerozo elenco, brigadas de informadores que espiam a vida dos desgraçados que empenham, estudando as possibilidades que tem em pagarem os juros, desempenham o objecto ou em o perderem irremediavelmente. Mas nem sempre obedecem á prudencia que essa espionagem os aconselharia, como neste caso das mobilias — cujos juros estavam, ao que parece em dia... E mais: eles são bem avaliadores porque só escolhem verdadeiras pechinchas.

Convem frisar bem alto esta declaração: os seus manejos são tão habilidosos, subtis e bem preparados que nenhum dirigente dessa organização de credito os suspeita sequer. Pelo menos é o que as proprias victimas garantem.

Existem victimas? O «cambão» já deve ter sacrificado bastantes pessoas. O clamor de alguns dos sacrificados chegou até nós. Plas que venham ter conosco. Ninguém se deve envangonhar de dizer que empenhou um objecto de valor ou de estimação para conseguir liquidar um encargo urgente, uma receia medica, socorreu-se dos seus haveres para resolver um problema angustiante. Iremos assim, ampliando o nosso «dossier», sobre esses misteriosos «traffcantes das lagrimas e das amarguras dos pobres».

Existe o «cambão»? Sim, existe. Ao signatario foram indicados alguns dos seus elementos quando estes, em redor de uma mesa do Café Comercial, se embrenhavam em conversas bastante elucidativas e significativas.

Ferreira da Costa

LEIAM  
O  
Reporter X

ANUNCIAM  
NO  
Reporter X

# O suplicio de um padre na Inquisição de Coimbra

Uma legenda indicada pela seta de um historiador — A Sofia do tempo da Inquisição — A topografia da cidade — Os horrores do Santo Ofício — Nem os ministros de Deus escapavam á crueldade — Um documento redigido no silencio do carcere — O pavor do Tribunal ante a ousadia de um preso — Quatorze anos de martirio

**D**EVIA ter sido neste lugar. A topografia da cidade desorienta-me. Com exactidão não lhe posso assegurar, mas pelo estudo aos documentos da época é crível que as janelas do tribunal da Inquisição estivessem voltadas para este ponto.» E com o indicador espetado em forma de seta, um velho historiador indicava ao jornalista um prédio discreto que nenhuma recordação nos dá. Estávamos ao topo da Sofia, em frente dos Paços do Concelho. O prédio fochado pela seta tem hoje nele instalada a delegação do «Diário de Notícias». Ali, mais recuado ou mais próximo de nós ficava o alinhamento do antigo Collegio de S. Miguel e Todos os Santos, depois Collegio das Artes e mais tarde o Tribunal da Inquisição «Devia ter sido naquele lugar». Mas o quê?

Na descrição dos horrores do Santo Ofício seriam necessários muitos números do «Reporter X». Depois de sobre o assunto se terem debruçado os historiadores seria estulta pretensão. Não é esse o nosso fim. Temos em mira trasladar para aqui um episódio desses suplicios infringidos a um padre, em demonstração da crueldade da Inquisição, mesmo para os ministros de Deus. Por essa narrativa o publico arredio das paginas dos historiadores poderá avaliar qual teria sido o sofrimento das outras victimas da Inquisição. Por outro lado, o acontecimento que se a quiva produziu um formidável escandalo na época e do conhecimento d'elle estão unicamente as pessoas que acompanham estas leituras, não em grande numero, infelizmente.

O padre Manuel Martins Figueiredo Denis da freguesia de Canas de Sebugosa, bispo de Viseu, fora preso ás ordens do Tribunal da Inquisição, accusado de varios supostos delitos. Metido no carcere e fechado a sete chaves all o conservaram sem julgamento mais de quatorze anos. Um dia 9 de Março de 1795, o referido padre foi chamado á sala do Tribunal da Inquisição. Devia ter sido no lugar indicado pelo nosso informador. Uma vez naquela sala o reverendo pediu para ir á capela rezar. Concederam-lhe ordem. Em vez de se dirigir para all, o padre entrou numa sala com uma janela que deitava para a Sofia, fechou-se por dentro, e assomando á janela fez um eufentico comicio. Queixou-se ao povo dos males de que estava soffrendo há quatorze anos, referiu aos horrores do carcere e dispunha se a narrar toda a odisséa. Foi surpreendido. Os esbirros arrombaram a porta, deitaram-lhe a mão e amarraram-no. Vieram depois para a rua outros esbirros dispostos a fazer pagar caro aos que tiveram a ousadia de ouvir os queixumes do reverendo.

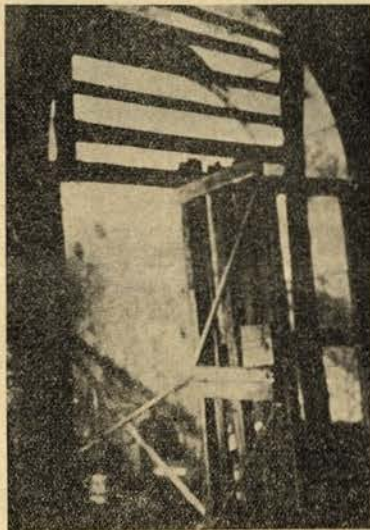
## A função da imprensa clandestina

O reverendo Manuel Denis há muito que preparava a sua imprensa clandestina. Redigira com as reservas necessarias um protesto escrito em letra que se assemelhasse á da imprensa uma queixa para a distribuir ao povo. E antes que os esbirros lhe deitassem a mão, no momento em que falava ao povo, lançou para a rua uma porção desses papeis. Nos

arquivos fomos encontrar a copia de um deles que diz textualmente:

«Anda em 14 anos, que estou atarracado em ferro, sem causa, nem sombra de razão, com os joelhos e pés já tolhidos de goia, paçoço fomes e frios intoleraveis, sem calções e sem camisas, quasi cego com a escuridade dos carceres, sem ouvir missa Intimidaram e proibiram os meus procuradores para não me defenderem, não me deixam acabar de expôr a minha defesa, nem aceitam a exposta.

«Desta sorte é tratado o padre Manuel Martins Figueira, cristão persistente, membro



Entrada de uma das celas da Inquisição de Coimbra (onde esteve o Pad. Antonio Vieira)

da igreja, vassallo de S. M. Grande descredito é para a natureza ser o homem flagelo e verdugo do mesmo homem, e muito necessário é á inquisição o segredo para não se saberem os seus proceimentos.

«Manuel Simões foi expellido do seu officio de guarda, por malquerença e vingança; proibem-me que eu descubra a innocencia do pobre homem; digam-lhe que se queixe «le a S. M., que o padre Manuel Martins Figueira descubra o sem numero de maldades, que contra elle se praticaram em uma devassa inquerida, escripta e jurada por seus immortaes inimigos.

«Todo o povo clame a S. M. que acuda á inquisição de Coimbra, se não brevemente virá a ser o trono do despotismo, um asilo de iniquidades, um covil de raposas.

«Não pretendo infamar a probidade dos innocentes, mas sim descobrir a abominação, e horrosas iniquidades, novas e antigas, praticadas no logar santo.

«Se faltasse o segredo a Inquisição, que seria dela?»

## Uma súplica para que acabassem as atrocidades

A Inquisição tinha a sua policia largamente montada. Era perigoso, porque se pagava com a vida, um protesto contra as atrocidades. No entantos os supliciados, em ultimo recurso, arrojavam-se. Por isso junto á queixa que acabamos de transcrever e escrita em letra disfarçada a emitir caracteres tipograficos, foi tambem lançada uma exposição, parece que do copista da primeira, dirigida á algumas pessoas residentes em Lisboa, para fazerem a sua entrega ao Principe Regente. Reza assim esse documento:

«Eu vos considero admirado ao ler este papel. Dum lado a vossa razão, e a vossa sensibilidade vos excitará uma colera santa contra os algozes, que fazem gemer a humanidade com taes atrocidades; de outro lado a religião vos ordena uma cega obediencia ao respeitavel tribunal; talvez vacileis sobre qual deveis escutar: eu vos digo, ambas. Ouvir a voz da razão e respeitar a religião, despida de toda a superstição e fanatismo: a moderação, a docilidade e tolerancia que reuz em toda a doutrina e vida de Jesus Cristo.

«Mas eu me alucino, ninguém melhor do que vós sabe que a instituição deste tribunal é inteiramente oposta ao verdadeiro espirito do evangelho e da igreja; que pelos meios de que elle se serve, ainda se não tirou dentre os cristãos nenhum dos erros que castiga; e que se tem dado a Deus milhares de victimas humanas em sacrificio contra as suas expressas prohibções; privando juntamente a sociedade doutros tantos membros uteis, o que é uma perda irreparavel.

«Qual é pois o fim deste papel? continuareis vós. Eu vo-lo exponho.

«1.º — Atestar-vos a verdade das queixas deste desgraçado, pela narração do modo por que foi tirado á vista de todo o povo, quando lançou os papeis, bradando ao povo que lhe acudisse; chegaram-se a elle os satélites do tribunal e o arrencaram das grades tão violentamente, que lhe esfolaram as mãos e os braços, deixando as grades cobertas de sangue. Um lhe tapou logo a boca, e outros desceram a apanhar os papeis. Que maior prova pode haver da iniquidade da inquisição, do que o grande cuidado que tomaram em occultar as queixas do miseravel? Para quê tanto segredo, se o seu procedimento fosse conforme á justiça, a qual ordena a publicidade dos processos para bem do reu cuja causa sempre favorece?»

«2.º — Lembrar-vos, que se ele é um salteador, um matador, ou por outro modo tem perturbado civicmente a sociedade deve soffrer o castigo que as leis lhe impõem, e ser julgado no tribunal competente; e se o castigo lhe é applicado por erro de entendimento, não sendo nunca um crime, que a sociedade possa castigar, é por consequente illegal todo o procedimento do tribunal a seu respeito; e ainda suposto um crime, deve por ventura ser de pior condição de que os primeiros?

«3.º — Pedir-vos em nome da humanidade

que exponhaes com estas e outras razões que as vossas luzes, que o vosso zelo, e o vosso amor da Patria e dos homens vos inspirarem, ao príncipe Nosso Senhor, além da atrocidade des e facto, os males que nos provêm do Santo Officio e a sua illegalidade; a fim de que ele mande primeiro que tudo a defesa o infeliz supplicante; e depois examinar por pessoas zelosas do bem publico e da religião, a natureza de semelhantes tribunales, e os mande reformar, ou inteiramente abolir, como pode e deve, por serem prejudiciaes à religião e ao Estado; o que tem conhecido por uma triste experiencia todas as nações cultas, que tiveram a imprudencia de os tolerar algum tempo — *Escrita por um zeloso português*.

Não consta que o Príncipe Regente tivesse qualquer intervenção em favor do padre reverendo. Também os documentos da epoca não nos falam do fim do martirisado padre. Estes factos passaram-se, como já foi dito em março de 1795. O Tribunal da Inquisição de Coimbra, expirou em 1821, isto é, vinte e seis anos depois. Se a sua crueldade se usseverava deste modo contra um ministro de Deus, o que teria feito o Santo Officio para com as outras vitimas que estiveram sob a sua alçada?

A Inquisição em Portugal, só em Coimbra, dá paginas de sangue e de tormentos. Nestas ligeiras linhas, palidamente, se descrevem os horrores das menos cruéis.

E recorda-nos que a existencia humana se definiu das prerogativas do Santo Officio!

## «Joãosinho» o «clouv» português

(Conclusão da pag. 11)

Como a acrobacia é um trabalho que exige um enorme esforço fisico, João começou sofrendo de hipertrofia arterial. Fez-se, então palhaço. Recheu propostas para ir trabalhar para o *Circ Hagembek e Continental Circo*, no Brazil, e não assinou os contractos em virtude de ganhar optimamente em Portugal. Lembra agora, com que saudades, o tempo em que realizava graciosamente as momicas da arte, fazer rir os doentes dos hospitais de Santa Maria e Estefania, assim como os do Sanatorio do Outão e Santa Marina. Guarda, dessas visitas, recordações consoladoras: «—Que gloria para um artista — um palhaço! — confidenciau-nos — espalhar o balsamo da alegria pelas almas atormentadas pela doença; sentir que os enfermos, anestesiados pelas nossas gargalhadas e palhacices, esquecem as suas dores e se julgam sãos... como os outros, como nós! Hei-de recordar, cem anos que viva, um episodio catalogado nessas visitas aos hospitais. Havia num leito mui branco uma criancita de dez anos, que linda que era — e que palida, mais palida do que os lençoes que a cobriam... Não sei porquê fixei logo a atenção na pobre — e os olhos a custo se negavam às lagrimas... Um palhaço chorar — que ridiculo! E que ar tão triste o dela ao entre abrir as palpebras febris e ao espreitar-nos com uma vaga expressão de sunambula maguada. O medico, que nos acompanhava, cochichou fosse o que fosse, em ar colerico, para a enfermeira — e depois, no mesmo tom de segredo, explicou-nos: «Eu tinha dito para que aquela doente estivesse já no quarto... especial — dos que aguardam a morte! Uma tuberculose nos ultimos farrapos pulmonares! Questão de horas — o maximo de dois dias. Não pode assistir à festa». — «Senhor doutor — supliquei-lhe com a voz a tremer em ritmo com o meu coração — «Se a desventurada está perdida, deixe-a com as outras, uns minutos, na ilusão de que... tem saude e que foi ao circo, rir com os palhaços!» O medico ceceu — e eu, meu amigo, a partir de então comeci a trabalhar só para ela, para o infeliz aninho que estava já a deslocar-se da terra para voar até aos seus irmãos do céu...

E quanto maior era a angustia que ela me inspirava — maior era o meu esforço para a fazer rir, esquecer, viver... Pouco a pouco as palpebras foram-se descerrando — exibindo nos olhos negros, enormes, ardentes como brazas... Pouco a pouco as faces alvissimas, apenas manchadas pelo vermelho da febre, se coloriram suavemente; os labios, crispados e secos, floriram num sorriso fresco e saudavel; por fim o proprio corpiço, apenas movido pelo arfar da dispnea se agitou na primeira risada franca, ruidosa, animadora, que se alastrou aos labios e os abriu, — e aos olhos, e os iluminaram; e ás faces e as afojavam sem o carmin maldito da febre. Sentou-se na cama, esbracejou, aplaudiu-nos: e quando, no remate da palhaçada, me acerquei do seu leito, as suas mãositas diafanas acariciaram, como numa benção, o meu rosto enfarinhado, e a sua boquita em botão ofereceu-me um beijo — o mais puro, o mais doce, o mais glorioso beijo que recebi até hoje. Sai da enfer-



«Joãosinho»

maria, recuando para que o feitiço da alegria não se quebrasse — e ria sempre, fazendo-a rir; e fingi escorregar, estendendo-me ao cumprido para que até ao ultimo ins ante aquele balsamo a poupasse das suas angustias. Mal a porta se fechou — desabafei, chorando... Pobre aninho! Morreu pouco depois — mas foi para o céu com um sorriso nos labios, o sorriso que eu lá lhe deixara em troca do beijo que me dera! Nenhum triunfo de artista suplanta este meu triunfo...»

Desfilam outros episodios pelo *ecran* da sua memoria... Uma noite, no Funchal, os rapazes do Calhau, nome com que rotularam os parias, os indigentes, os desprotegidos, ao saberem que o palhaço que eles aplaudiam da geral e a quem deviam algumas horas de ilusão e de olvido, se despedia da cidade, reuniram todos as moedas de cobre dos seus esvariados bolsos e com elas compraram uma linda *corbelle* de flores e ofereceram-lhe, com timida mas sincera comocão «Essa *corbelle* vale mais, pela sua ternura, que todas as joias que os *azes* da pista costumam exhibir!» declarou-nos Joãosinho.

A saude obrigou-o á reforma — mas ele, não deixa de, todos os dias diagnosticar o seu proprio corpo, sujeitando-o a uma violenta ginastica... Ao contrario dos *clous* do Leoncavalo, ele não se sente deprimido nem recorda com tristeza os seus tempos de circo. «—A propria bofetada, o *ex-libris* dos palhaços! — rematou o nosso entrevistado — a bofetada que estala dezenas de vezes por noite nas nossas faces e que os sentimentos veem estalar na nossa alma, como a ultima das humilhações, nos faz saude, quando, após a deserção, a reevocamos! Que alegria quando elas fazem estralar milhares de gargalhadas entre o publico! Humilhantes, dolorosas inquisitorias são aquelas que, fóra da pista, a maldade e a traição dos homens nos dão — muitas vezes fingindo beijarem-nos!»

M. M.

Quereis dinheiro?  
Jogal no

*Gama*

Rua do Amparo, 51 — LISBOA  
PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo  
SEMPRE SORTES GRANDES!!!

\*\*\*\*\*

### BREVEMENTE

## Grandes reformas em o “REPORTER X”

O «REPORTER X» marcou, desde seu inicio, um exito mais do que lisongeiro: inedito nos anais jornalisticos portugueses. Não focando já o interesse, o entusiasmo, a paixão que desperta constantemente no publico; nem as discussões, os alvoroços, as polemicas que as suas reportagens e as suas campanhas sensacionais provocam do norte ao sul do pais — basta recordar as suas tiragens para nos podermos orgulhar do nosso esforço e da nossa obra. Mais atentos á nossa missão jornalistica do que ás vaidades esteris — não badalamos ao publico todos os nossos triunfos. Contudo, sem pretenções, sem foguetes, sem bandeirolas, o «Reporter X» chegou a atingir tiragens de quasi 50.000 exemplares, nos seus numeros de maior sensação e, nas baixas normais, mantemos uma alta que faria aguar muitos colegas que se proclamam a si proprios os «recordenes» da popularidade...

Tão pouco somos de qualidade de dormir sobre os louros conquistados. Desde o primeiro numero que o nosso semanario, apresentando um programa, um estudo, um genero sem gemeos dentro do pais — nem talvez fóra do pais — procurou uma evolução, uma melhoria, um aperfeiçoamento constante. Mas insatisfeitos com os nossos proprios exitos, vamos, muito em breve, introduzir grandes e sensacionais reformas no «Reporter X», sem macaquearmos os gigantes estrangeiros — e muito menos os liliputianos nacionais. A nossa metamorfoze, que obedece naturalmente á propria e constante evolução do nosso espirito e ás lições da experiencia... — Dentro de poucas semanas — ela será uma realidade — uma realidade que, estamos certos, merecerá os aplausos dos nossos leitores. E que estes nos perdoem não revelarmos já os nossos projectos — mas... conhecem a historietta italiana que Braco conta no seu livro «Donas e piccolos» — intitulado «Lhe cosa fa?» Pois leiam-no e ficaréis sabendo porque nos calamos...

Este numero foi visado pela  
Comissão de Censura

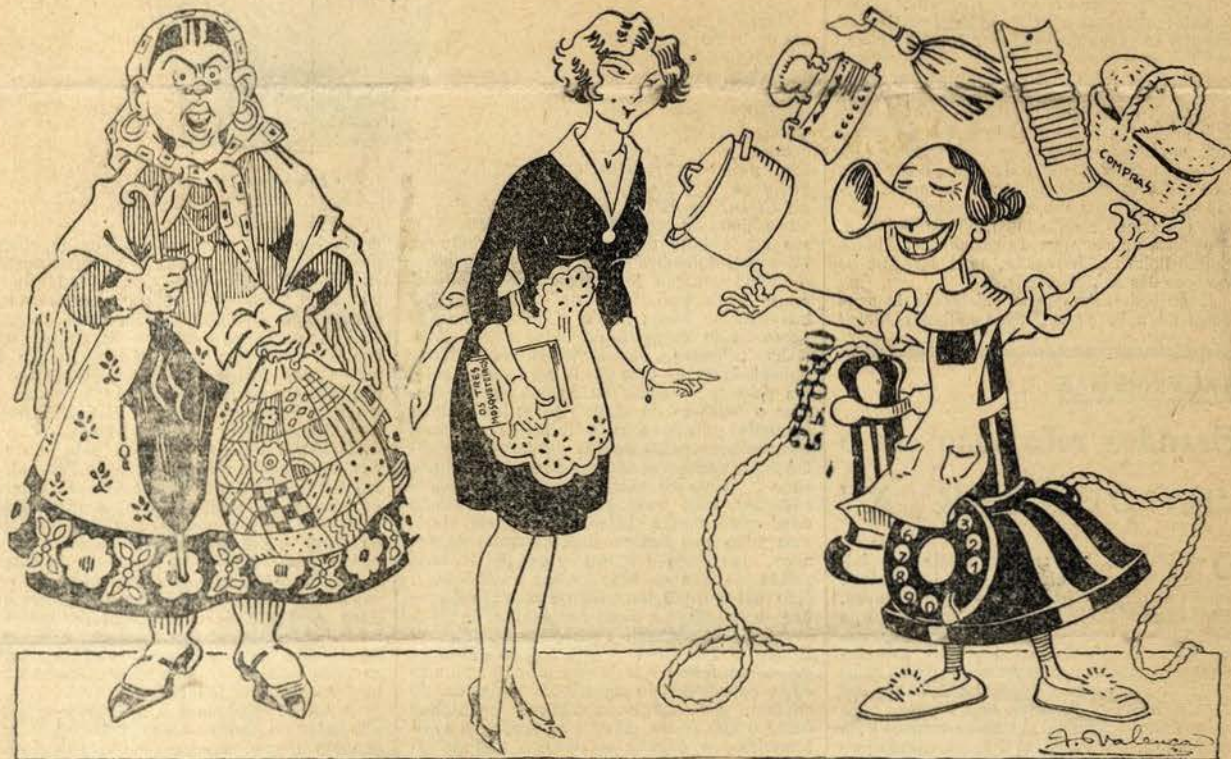
# A's donas de casa

PROV. E  
26.M  
LISBOA

CARTÃO

## CRIADA

Precisa-se, para todo o serviço, que dê abonações. Rua dos Remolares, 235, 3.º.



### CRIADA

recem chegada da provincia. Sabe o **trivial** e açorda de cuentros. Vai á rua: ao talho e á **marclaria**, mas demora-se duas horas por causa do primo que é **bombéro**.

120 escudos por mês e é de algum alimento.

### CRIADA

fina, lida e cinéfila. Não gosta do serviço da cozinha, não sai á rua com avental e tem saídas todos os domingos, vindo só na 2.ª de manhã para ir ao cinema.

160 escudos por mês e precisa mulher a dias e groom para... a servir.

### CRIADA

fiel, confidente e fixe. Não faz cara a qualquer serviço. Num minuto vai ao talho, á mercearia, á **framacia**, não tem saídas e serve para levar e trazer recados.

50 escudos por mês, a seco.

# INSTALE UM TELEFONE

Durante a semana

A quem instalar telefone

**50\$00** de prémio

ESTE É UM ANUNCIO

DA

Anglo Portuguese Telephone, C.º Lt.º.

R. Nova da Trindade, 43